

muito tempo, impedimento formal a qualquer projeto de reforma agrária, uma vez que determinava que as desapropriações só poderiam ser feitas mediante indenização prévia, em dinheiro e pelo justo valor. Poucos foram os novos jornais aparecidos na quinta década do século: em S. Paulo, desde 1931, as *Folhas da Noite* e *Folha da Manhã* passaram por reforma empresarial, abrindo-se para esses diários nova fase; em 1948, aparecia ali o *Jornal de São Paulo*, dirigido por Guilherme de Almeida, que desapareceu nesse mesmo ano, para ressurgir em 1950. A Associação Brasileira de Imprensa, que constituía valioso patrimônio material à época do Estado Novo, não conseguia manter sequer o pequeno jornal de circulação interna, *O Asabi*, dirigido por Amador Cisneiros em sua curtíssima existência, em 1949.

Acentuando-se desde os terceiro e quarto decênios do século, a concentração da imprensa era tão marcante, em sua segunda metade que, tendo desaparecido numerosos jornais e revistas, uns poucos novos apareceram. As revistas que haviam marcado sua posição, algumas desde o início do século, desapareceram todas: *Careta*, *Fon-Fon*, *Ilustração Brasileira*, *O Malho*, *O Tico-Tico*, *Eu Sei Tudo*, *Revista da Semana*, e mesmo as posteriores, como *A Noite Ilustrada*, *Carioca*, *Vamos Ler*, *Vida Nova*. Mantinha-se *O Cruzeiro*, que começara a circular em 1928 e seria incorporada à empresa dos *Diários Associados*. Uma grande revista apenas apareceu nessa fase de concentração: *Manchete*, em 1953. Os jornais desaparecidos no início da segunda metade do século foram dezenas. Dois novos surgiram, e justamente vespertinos, *Última Hora* e *Tribuna de Imprensa*, dirigidos por Samuel Wainer e Carlos Lacerda, respectivamente. A concentração tomaria aspectos ainda mais acentuados com o desenvolvimento do rádio e da televisão: a tendência às grandes corporações, de que os *Diários Associados* constituem o primeiro exemplo, agravar-se-ia com a constituição de corporações complexas, reunindo jornais e revistas, emissoras de rádio e de televisão. Se não atingíamos ainda a etapa do jornal nacional, já chegávamos à da revista ilustrada nacional, que passaria a encontrar, assim, centenas de milhares de leitores. As revistas brasileiras eram, antes, lidas no centro-sul; hoje são lidas em todo o país, e isso influi nelas de tal sorte que antecipam suas datas, para permanecerem atuais em todo o território. Os jornais não alcançaram essa dimensão, mas completam-se com suas estações de rádio e de televisão, que exploram a informação instantânea e têm extraordinária força de penetração, pelo uso do som, ou deste e da imagem, superando a barreira, ainda muito grande, do público analfabeto.

É fácil constatar, assim, o poder de que dispõem as empresas que lidam com o jornal, a revista, o rádio, a televisão. A época é das grandes corporações que manipulam a opinião, conduzem as preferências, mobili-